

Boletim

I SÉRIE

30
DE
ABRIL
DE
1948

ANO I N.º 10

PREÇO 2600

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:
ARQ. JERÓNIMO REIS

REDACTORES:

ANTÓNIO GAIO
CARLOS P. MORAIS

DIRECTOR

HIGINO AUGUSTO PIRES

PROPRIEDADE

DA

A. A. E.
(SECÇÃO CULTURAL)

COMPOSTO E IMPRESSO

TIP. PROGRESSO

— ESPINHO —

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (Provisória): Rua 11-483 — ESPINHO

PUBLICA-SE MENSALMENTE

Inauguração de duas Escolas

O "Boletim" não tem carácter noticioso mas, dados os objectivos que se propôs atingir, não pode alhear-se daquelas manifestações espirituais que signifiquem melhoria do nível intelectual da população. Assim, um seu redactor esteve presente à inauguração oficial das duas novas escolas primárias efectuada no dia 28. Escusado será salientar o significado deste acto ao qual assistiram representantes das autoridades locais, professores e alunos das escolas concelhias, sobretudo se se lembrar as precárias instalações que a Escola Masculina n.º 2 ocupava anteriormente à construção dos edifícios agora solenemente inaugurados.

Depois de hasteada a bandeira nacional e cantada pelos alunos de todas as escolas do concelho a "Portuguesa" foi cortada a fita simbólica que vedava a entrada nas escolas masculina e feminina. Foram feitos pelos seus directores duas prelecções em que foi salientada a personalidade do Chefe do Governo. Os professores sr s Amadeu Bôdas e D. Sofia Bismarck elogiaram a actividade desenvolvida pelo Estado Novo na luta contra o analfabetismo com a criação de inúmeras escolas e protecção ao ensino primário no sentido de reduzir ao nosso País a percentagem de cidadãos analfabetos.

Este acto que terminou por entre aplausos e aclamações ao Estado Novo e seus chefes foi incluído no programa de manifestações nacionais de homenagem ao Presidente do Conselho pela passagem do 20.º aniversário da sua investidura na pasta das Finanças.

Neste mesmo dia foram em toda a Metrópole inaugurados dois Liceus e mais de três centenas de escolas primárias, incluídas no Plano dos Centenários.

EDITORIAL

REALIDADES!

Paira na atmosfera internacional grosso e plumbeo estendal de incertezas. Económica, política e socialmente o mundo convulsiona-se numa tentativa de obstar a que a tempestade atinja e abale os alicerces da humanidade, conturbada ainda pela horrorosa hecatombe, que foi a 2.ª Grande Guerra, que deixou na face do mundo os traços esgares de indivisível sofrimento. Como imediata consequência os jovens, homens de verdes anos, sofrendo os abalos de uma geração desesperada, são retraídos, desconfiados, estaticos. Em todo o mundo, aos jovens resta-a, nosso ver como possibilidade única para fugir aos perigos das marés políticas-sociais, arrimarem-se à ideia e prática do Desporto. E' evidente que nem aí se encontra já o meio puro que enganosamente se proclama, mas um meio de semi-puresa salpicado de torpesas, numa promiscuidade que muito prejudica o Desporto até há tempos limpo e livre das políticas da Política. O momento é demasiadamente crucial e grave para que a ousadia dos homens de amanhã possa desculpar-se, a si própria, de qualquer passo falso no actual chão movediço das ideias pouco amadurecidas. Assim, e por força do que se deixa escrito, se para a faceta desportiva nos deixamos voluntariamente arrastar, não deve afirmar-se, afoitamente, que a mocidade foge ao momento, refugiando-se na mediocridade, ou nulidade, da Vida Desportiva em relação à Vida Social e Política.

Atente-se ainda que se os condicionamentos impostos à organização e prática dos desportos são acolhidos sem constrangimento, é também certo que esta gente moça e irrequieta nutre pouca propensão para aceitar restrições às suas manifestações de espírito. Daí certo abandono, não sendo custoso entender a fuga que, como refúgio, nos leva para a fácil, sensaborona por vezes, vida das organizações desportivas, e para o sadio da prática desportiva nos campos de jogos. Eis algumas Realidades ainda não inteiramente compreendidas...

MARÉS VIVAS

A Bem dos Outros

(Baseado em *Filosofia Caseira* de Emílio Costa).

Há uma coisa de que a maior parte dos homens não desiste: é a de fazer a felicidade do seu semelhante. Estimamos, queremos que os outros sejam felizes, embora à nossa maneira. Tudo para a felicidade dos outros, incluindo a dos desconhecidos, pois a nossa ansia de fazer bem estende-se a tudo e a todos. Somos felizes com o que nos dá contentamento, entusiasmo, emoção, tranquilidade, saúde, enfim, com o que muitas vezes nada tem com aquilo a que ordinariamente se chama progresso, e isto porque o que nos move e comove, não são as coisas mas a nossa opinião sobre elas. Porém como a ingratidão anda muito espalhada, a maior parte da gente não agradece as boas intenções ou benefícios. Não é difícil concluir que na maioria dos casos em que desejamos tornar os outros mais felizes, o melhor que teríamos a fazer... seria deixá-los tranquilos e broncos.

Há milhares de anos que os homens andam na faina de inventar, progredir na técnica e exaltar as benesses do progresso, sem que desistissem até hoje apesar de todos chamarem ao mundo "um vale de lágrimas". Também nós os da Ass. Académica não desistiremos dos nossos bons intentos apesar dos ingratos, dos venenosos, dos indiferentes e dos broncos...

Gino Sérpi

VISADO PELA CENSURA

Carta para Longe

Meu caro amigo:

Do mar para a serra, escrevo. Do recolhimento do oceano, para o recolhimento da montanha; dum poeta para outro poeta. Sim, porque ninguém pode mudar-se facilmente, nem pode deixar de ser poeta se poeta nasceu. A Poesia é um fado, uma doença mortal, uma prisão perpétua, um veneno gostoso e corrosivo. Como Tristão, desde que bebemos o filtro do seu amor, ficamos seus amantes eternos. Como Isolda e Tristão, como Romeu e Julieta. Deus sagrou-nos com um sinal indelével, «o cilício vivo de cantar» (na expressão de Torça). Somos profetas da sapiência, das descobertas e dos acontecimentos futuros, porque somos desposados com a alma das coisas, com a essência dos entes. Somos transmissores da Verdade e mensageiros do Amor. Temos uma irrecusável missão a cumprir: cantar. Fugir-lhe era um crime, se tal crime fosse praticável. Mas não. Gerar poesias é a natureza do poeta. E o poeta não se anula. Também eu julguei um dia poder libertar-me deste cárcere e encontrei-me, certa vez, a uma das mesas do «Costa Verde», escrevendo sobre a capa de um livro dum companheiro:

«Nos versos que eu fizesse, o que diria?
Já nem tenho matéria para versos...»

E quando acabei, havia escrito mais uma poesia.

Igualmente, você, meu caro Paiva Freixo, notará que o poeta-menino ainda vive em si, talvez dormente, mas com uma presença que magoa e com a obrigação de acordar, de quando em quando, e agitar as mãos divinas, esculptoras, mágicas e torturantes, para surgir produções, poéticas, na dor feliz de quem acrescentou a criação e revelou o mundo, como a dor feliz da mulher que deu à luz.

Tendo os olhos ensombrados pela amargura ou rasgados pela claridade, sôfregos pela esperança ou jazentes pela desilusão, mesmo de pupilas cegas ou de corpo prisioneiro, o poeta conserva uma alma que vislumbra, aspira o perfume dos outros seres, vibra em uníssono com eles, desfere harmonia quando neles toca, existe com o destino de cantar.

Adeus, Paiva Freixo! Desculpe-me a intronissão nas suas cartas cheias de frescura. Mas não podia acreditar, e queria afirmar-lho, que você tivesse pedido divórcio da Poesia que, como a Beatriz de Dante, é «aquela cujos belos olhos tudo vêem».

Abraça-o o

Florentino

PING-PONG

Passagem de Divisão

No pretérito dia 24 realizou-se o 1.º jogo de passagem para a 1.ª Divisão do Porto, defrontando-se as equipas do nosso club e a do Heroísmo, saindo vencedora a Académica por 5-4. Jogaram Sílvia, Gaioso e F. Caldeira.

O 2.º jogo efectuou-se em 9 de Maio na mesa da Académica,

UM POUCO DE BOM HUMOR
AS NOSSAS ENTREVISTASCom Satanás no Inferno...
ou a maior calamidade!...

Sentei-me numa poltrona e olhei-o bem de frente: «Olhos ligeiramente oblíquos, vomitando chamas e lavas; fauces hiantes, escarlates, qual fornalhas incandescentes, por onde o fogo, continuamente, se escoava também. Na testa, 2 enormes... (isso mesmo!) desafiavam os ares com as suas extremidades ponteagudas»...

Figuras de retórica, meu caro... Remanescentes dum época, de milhões de épocas, que se sucederam para dar lugar àquela ser amarelento, de faces esqueléticas, com o olhar mortífero e abandonado, sujeito a constantes espasmos asmáticos, mas que ostentava ainda o apêdo de Satan, o chefe dos amigos rebeldes, expulsos do Paraíso.

Recostei-me melhor e a entrevista começou.

Diga-me o seu nome completo, se faz o favor:

— Mefistófeles Satanás.

Satan falava dum só jacto e o seu peito arquejante, ressentia-se disso, através dum respiração mais agitada.

— Doente, sr. Diabo?!... inquiri... E com quê?... Bem vê... Diabetes.

Tive pena dele e olhei-o com tristeza através do seu fato já coçado e até desfiado em alguns sítios.

Satan parecia absorto em profundas meditações, na lembrança dum passado não muito longínquo ainda, e eu tive a sensação de estar em presença, não do Diabo, mas sim de um pobre diabo.

Em gestos desprendidos, Mefistófeles puxou dum cigarro e maquinalmente entalou-o entre os dentes. Logo a seguir pediu-me lume.

Achei que era aquele o momento de disparar a pergunta que me queimava os lábios.

— Mas então, Satan, já perdeu a sua extraordinária faculdade de lançar fogo pelos olhos e pela boca?!...

— Com o carvão pelo preço que está?!... Não, meu amigo, não... Lanço electricidade e desta maneira o meu consumo, não ultrapassa alguns centavos por hora.

— O pior é quando não há energia!...

— Uso uma pilha!...

— Já que estamos com as mãos nas pilhas... Lembrei-me agora, que v., era antigamente portador, na testa, de 2 enormes... (eu estava visivelmente embaraçado)

«Sir» Satanás, num acto que o definiu como um autêntico «gentleman», evitou-me mais constrangimentos, elucidando-me:

— Divorciei-me apenas...

— Vive então, agora, completamente isolado?!... perguntei com curiosidade.

— Completamente não... Ainda recentemente sonhei que a D. Eva do Paraíso, me veio

visitar e que a via como nos tempos, quando eu não passava ainda dum simples serpente... e que ela trazia um soberbo vestido de saias curtas, de fôlhas... de zinco ondulado. O pior foi quando a fôlha caiu. D. Eva não se lembrou de que estávamos no Outono... Mefistófeles parecia entusiasmado... D. Eva... Eva... Evita... um mimo... uma «lasca».

— Não admira, atalhei eu. Viveu na idade da pedra «lasca». Mefistófeles recostou-se mais. Estas evocações tinham feito elevar consideravelmente a temperatura do seu corpo e Satan viu queimarem-se às últimas reservas do carvão que tinha dentro de si, originando uns derradeiros Campejos de chamas que logo se extinguíram através dos olhos e da boca. Entretanto, aproveitei para acender o meu cigarro nesse fugaz fogo diabólico e olhei-o compungido da sua situação.

— Mas então, continuei eu para interromper de algum modo o enervante silêncio que se fizera, v. ainda não perdeu toda a sua autoridade e prestígio que o tornaram dominante e temido durante milhões de anos.

— Infelizmente já... troquei todo um passado cheio de tradições e prestígio, por um presente chato e desprezível.

Na realidade, hoje nem sequer no Inferno mando Lá, como na terra, «o diabo são elas».

— E como permitiu v. Satan, que a troco dum vida mais ou menos diferente, o despojassem, dum poder que era o seu orgulho?...

— Que quere amigo?!... Havia falta de trocos...

A seguir, visitamos os infernos propriamente ditos, onde se situam as 1001 torturas, destinadas ao castigo dos pecadores. Procurei em vão, o caldeirão com azeite a ferver, onde os mortais são lançados. Foi Satan que com a sua proverbial delicadeza, mais uma vez me informou:

— Com a falta de azeite que por aí vai, tivemos de modernizar as torturas. Agora, temos aí, a última novidade nesta matéria. Chama-se comboio da C. P.... mas por favor evit-me a sua descrição, que toma as proporções dum ideia absolutamente dantesca.

Concordei e indaguei a seguir:

— E já alguém foi submetido a esse aparelho?

— Não, por enquanto... Esta tortura «especial» está indicada para todos aqueles que esqueceram os seus princípios da doutrina cristã, e os fundamentos básicos da religião, sem os quais nenhuma paz é possível...

As suas últimas palavras foram abafadas por um ataque de asma que o obrigou a calar-se.

Apontou para um telescópio cado para a terra, dizendo-me que espreitasse. Assim fiz, e na realidade, como poderia Satan deixar

TEATRO

Durante o mês de Abril, as luzes da ribalta do «S. Pedro» acenderam-se por cinco vezes, premiando o amorfo público espinhense com outros tantos espectáculos teatrais. Primeiro uma Companhia de Variedades (a de Octávio de Matos) em seguida duas de comédia (os Comediantes de Lisboa e a de Vasco Santana), e, finalmente, uma festa de amadores, turbulenta e desordenada como as mentalidades juvenis dos seus organizadores, animaram em cinco noites o palco do nosso Teatro.

Assistimos a todos estes espectáculos e temos de confessar que só os Comediantes de Lisboa e os rapazes do S. Luiz nos agradaram aqueles pela qualidade do elenco, estes pela sinceridade exuberante que deram provas e pela simpatia das suas intenções. Mesclaram o seu espectáculo de coisas de toda espécie no sentido de não martirizarem o público o que, em parte, conseguiram, apesar da desorganização que se adivinhava por entre os bastidores.

A Companhia dos Comediantes de Lisboa agradou-nos sobremaneira e pena foi que não pudéssemos ver actuar tão bons artistas em outro tipo de peças que não «O Conde-Barão» e «O Menino Quim». Na interpretação da primeira destas citadas peças, salientou-se João Vilaret, seguindo-lhe as pisadas no dia seguinte o actor Francisco Ribeiro na personagem central do «Menino Quim». A destacar também Assis Pacheco, Hortense Luz e Lucília Simões.

Depois de tal «fartote» de teatro permitam os deuses do Olimpo que não tenhamos que sofrer um tão prolongado jejum quanto o até agora suportado. O público frequentador do «S. Pedro» merece que a empresa, além de espectáculos cinematográficos, lhe ofereça bons espectáculos dos outros géneros em face da enervante indifferença de que dá provas aceitando de bom grado tudo o que lhe queiram oferecer: pedras preciosas ou bugigangas de chinês.

de ter razão?... Na Grécia, irmãos contra irmãos, viam-se gregos... Na Palestina judeus e árabes acusaram-se mutuamente de terem assassinado o Mar Morto. Em Portugal, Armando Miranda mostrava-se irracional. Enfim, o caos era completo... Foi por isso que não hesitei mais.

Poisei de novo o chapéu e voltando a instalar-me confortavelmente, confessei a Satan, enquanto tirava um cigarro da cigarreira.

— Parece que afinal, vou passar mais tempo aqui do que surpunha.

Dr. VIM NÓSSO

Gaspar A. de Oliveira

Comissão-Consignações

AGENTE DE

Comp.ª de Seguros «Portugal» - Automóveis
Camionetes «Ford» - Rádio-Lápis Caran «A»
Máquinas de escrever Underwood-Oleas
Muller-Consertex em máquinas de escrever

Rua 62 N.º 614

ESPINHO



Não se trata de pequeninas maravilhas onde o ouro cede o seu valor ante o preciosismo e a finura do artifice ou de figurinhas que dimanam vida e mostram uma alma que faz esquecer a delicadeza e a riqueza da cor.

Farrapos da vida quotidiana, retalhos de vidas que fizeram grande a história dos tempos, e esboços biográficos, eis a matéria prima das miniaturas que pretendemos oferecer-vos. Falta-nos a mão firme, o saber e a arte, para que possamos dar-vos miniaturas que façam esquecer o tamanho, mas do escrito tóscico e imperfeito sempre há-de ficar a intenção. E digo que a intenção ficará porque se a digressão através das biografias não teve a guilá-uma luz clara e brilhante, do caminho mal iluminado permanecerá a recordação de homens que lutaram e sofreram pelo Homem.

E deste modo, determinados o nome e o fim desta série, passemos ao primeiro esboço biográfico.

O Homem que não tinha coração

Assim parecia de facto.

Amigos e inimigos concordavam em afirmar «E' cérebro apenas; não tem coração».

Herbert Spencer fazia de tudo o que rodeava motivo para especulações científicas. Desprezava a faceta sentimental da vida e tinha orgulho nisso.

Através da sua "Autobiografia" deparamos constantemente com atitudes e reflexões que definiriam melhor um autómato ou máquina do que um ser humano com carne e nervos.

Para exemplo, vejamos o que escreveu quando, visitando a América, viu as famosas Cataratas do Niágara. «A queda tem cento e sessenta pés de altura; e calcula-se que mova cem milhões de toneladas de água por hora, ou seja, mais que vinte e sete mil toneladas por segundo... Essa massa de água, ao despenhar-se, tem, provavelmente uns vinte pés de espessura... No fundo está sujeita a uma pressão lateral de, digamos, quinze libras por polegada quadrada...» etc...

De quem colheu tal impressão perante um espectáculo tão grandioso e esmagador, só poderiam escrever:

«Os lábios finos, sem paixão, falavam de uma ausência total de sensualidade, e os olhos claros traíam ausência de profundidade emocional».

Eis o retrato de Spencer, famoso filósofo inglês, precursor do Evolucionismo e autor da grandiosa «Filosofia Sintética» baseada na teoria da evolução.

Toda a vida devotado à ciência, o homem que parecia não ter coração, teve sempre a Dor a presidir à elaboração da sua obra

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



QUE o orador oficial da Ass. Patinagem do Norte, nas próximas homenagens a prestar aos «Campeões do Mundo» é o seu Presidente da Ass. Geral, e sócio da Académica de Espinho, Dr. Amadeu Morais.

QUE o castigo imposto a João Gonçalves foi suspenso enquanto durar um inquérito a que teve de proceder-se, por força de várias testemunhas idóneas...

QUE o Director-Secretário do Sporting C. Espinho vai renunciar ao cargo... para que legalmente, foi eleito.

QUE parece haver confusão entre «Irreverência» e «Má Educação», nomeadamente num artigo da «Defesa de Espinho» que tratara do caso em questão...

QUE a feliz organização da vinda da equipa de ping-pong do Benfica a Espinho, pertenceu à Ass. H. Bombeiros Voluntários Espinhenses, a que a Ass. Académica prestou o seu concurso.

QUE o «Teatro S. Pedro» sempre estreou a sua casa de espectáculos com Teatro, visto que por lá passou finalmente uma Companhia: «Os Comediantes de Lisboa»...

QUE se diz por aí haver certos jornais que só sabem dizer maravilhas de tudo e todos, desde que se trate, evidentemente, de pessoas que podem ser susceptíveis de, com a sua sensibilidade, se sentirem e fazerem sentir bastante feridas...

QUE o trio de elementos representativos da Ass. Académica na A. Patinagem do Norte que ocupam os lugares de Presidente da Ass. Geral—Dr. Amadeu Morais—Vice-Presidente da Direcção—Higino Pires—e Presidente do Conselho Fiscal—Dr. Pinto Valente, podem ser muito úteis à modalidade.

monumental. O génio foi sempre companheiro da Dor.

Quando, aos trinta e oito anos, principiou a sua Filosofia, estava já cansado; tinha os nervos estropeados, sendo obrigado a usar obstrutores nos ouvidos, sofria de insónia crónica e tinha sensações estranhas na cabeça.

Foi neste estado físico, dia a dia mais agravado, que Spencer ditou aos seus secretários, durante quarenta e três anos, a sua principal obra que trata da origem das estrelas, da evolução da terra, da vida do homem, do crescimento do seu intelecto e do progresso do seu espírito.

Mas a par do sofrimento físico, o filósofo tinha de lutar com os adversários e fazer frente às dificuldades financeiras. Durante os últimos dez anos da sua existência, o seu padecimento inibia-o de fazer a vida de sociedade e só lhe permitia ditar uma hora por dia.

QUE não tendo o Sporting Club de Espinho aproveitado as regalias que lhe foram concedidas pela Câmara Municipal no que respeita aos courts de Law-Tennis, passam a ser explorados pela Delegação local da Organização Nacional da Mocidade Portuguesa...

QUE os courts de Law-Tennis vão ser murados novamente visto já não mudarem de local...

QUE a última festa dos alunos do Colégio de S. Luís fez lembrar as antigas... com saudade(l...)

QUE os resultados de uma gerencia bi-partida são contraproducentes para um dos lados ou para os dois...

QUE o «caso do Gonçalves» não está arrumado e do castigo de doze meses de inactividade, passou-se ao inquérito que corre seus trâmites para ficar talvez em repreensão registada...

QUE o rifão «ai amor a quanto obrigas» nunca será tão bem aplicado como neste caso...

QUE a transferência do Gaioso demorou mas sempre chegou...

QUE o Alberto Alves sempre volta a envergar a camisola preta e branca...

QUE a missão de Alexandre Rôla dentro da secção de futebol do Sporting não está a ser bem compreendida por alguns «doentes»...

QUE aqueles provam não ter amor ao clube, alimentando e provocando discórdias sempre prejudiciais...

QUE ficou sem efeito a apresentação do grupo de Bailados «Verde-Gaio» a quando das festas do Concelho...

Foi neste período amargurado, que ele ditou outra grandiosa obra—«Os Princípios de Sociologia»—vasto plano de paz universal.

Porém, o maior sofrimento estava destinado para os seus últimos dias. Assistiu à derrocada da sua fama e com ela ao afastamento dos amigos e admiradores. Ficou só, triste ruína dum coração sacrificado à Ciência.

E foi ao escrever as últimas páginas da sua «Autobiografia», a única vez que esse coração se mostrou, quando ao perguntar a si mesmo, «Se eu tivesse sabido de todas as minhas desilusões subseqüentes e conhecido a perspectiva de uma saúde destroçada quando encetei a minha carreira, ter-me-ia isso acaso, tirado a coragem para continuar?» respondeu corajosamente.

«Não posso dizer que sim».

Nuno Rangel

Sôbre o Conceito de Cultura

Continuado da pág. 8

so e gigantesco somatório de conhecimentos, um edifício sombrio e inacessível, um bloco apático e estéril". Sim. «Quando os objectivos duma Cultura não são os de servir o Homem — isto é: estudá-lo, conhecê-lo e melhorá-lo, — quando essa Cultura o ignora ou quando o deforma, quando o ilude ou quando o teme, então, isso já não é Cultura: é Mentira e Mistificação».

Simplemente, quando homens sábios, servindo embora a erudição e a ciência imediata, traem, contradizem e prejudicam a Cultura verdadeira (expressão eterna, permanente e purificada do Homem, para servir o Homem totalmente, consecutindo-o), então, esses homens têm de ser guiados para o real significado da Cultura ou mandados calar em obediência aos superiores mandamentos dela. Pondo inteligência e compreensão nestes julgamentos das actividades dos homens sábios (e isso é necessário aos sábios e aos seus juizes), não se descambará no procedimento instintivo, primário, às vezes ridículo, outras vezes trágico, em nome do Homem, da Cultura, da Civilização e da Liberdade.

«Talvez por coincidência, essa Cultura» faz o que fez a Knut Hamsun, a Charles Maurras, a Robert Brasillach, a Ramiro de Maeztu, a Alexis Carrel.....

Florentino Goulart Nogueira

Problemas e Interesses Locais

Continuado da pág. 8

Argumenta-se com a maior afluência de público em Agosto. Porém, pode objectar-se que essa maior afluência é causada pelo facto do turista estar de antemão convencido que só em Agosto terá alguma coisa melhor para ver e gozar.

Se harmonizassem com tempo os diversos programas das diferentes Empresas seria então possível imprimir e espalhar oportunamente o Programa Geral das Diversões da E'poca Balnear, combatendo da melhor maneira a tendência que se generaliza de só visitar Espinho em Agosto, tendência que a nosso ver é bem prejudicial a todos.

Reunam-se portanto representantes das entidades interessadas, discuta-se o problema, ache-se a solução compatível com os interessados de cada um, mas faça-se qualquer coisa definitivamente, caso contrário teremos de lamentar mais uma vez as soluções imperfeitas da última hora.

A. Nunes das Neves

FUTEBOL

Devido à falta de espaço, não nos é possível inserir neste número, a crónica habitual, pelo que pedimos desculpa.

VENIAS E IRREVERENCIAS

Espinho e o sr. Governador Civil

Neste lugar e fazendo eco do sentir da juventude da Associação Académica, e dos espinhenses que ela abraça, se apelidam de «Amigo de Espinho» o nosso chefe de Distrito.

Partindo do princípio, já plenamente demonstrado, que não somos louvaminheiros por necessidade ou por feitiço, se pode deduzir da realidade a afirmação, que corresponde inteiramente aos sentimentos que S. Ex.^a nutre pelo nosso concelho.

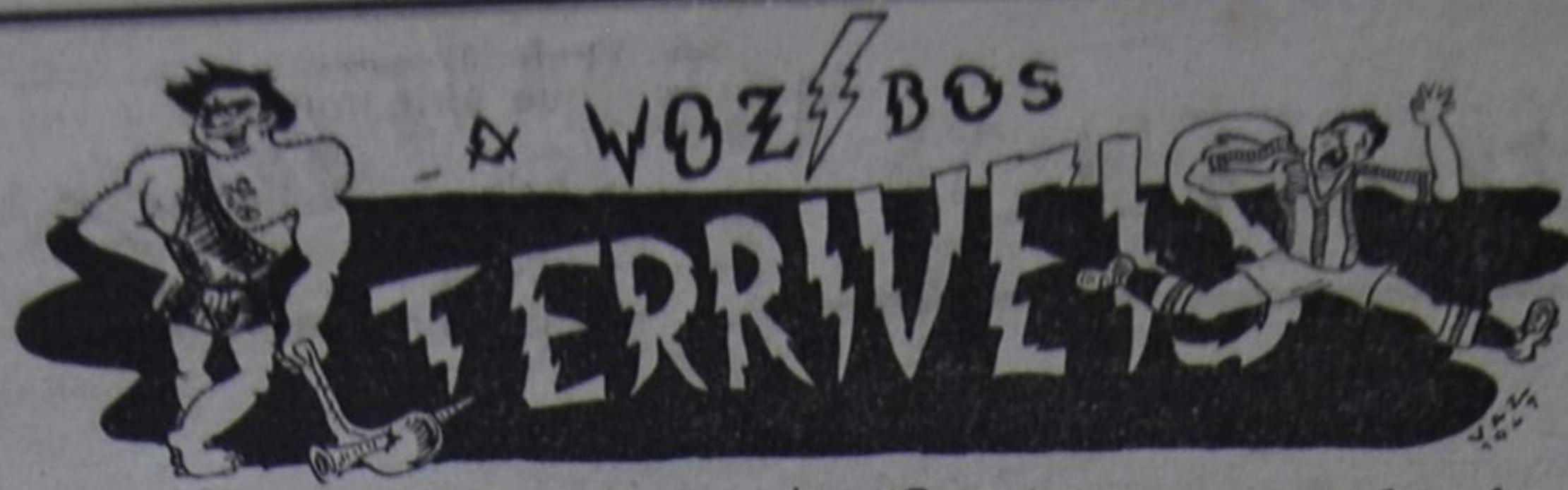
E para provar que a nossa afirmativa era consciente, acaba de ser nomeada, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Espinho, uma comissão que organizará um programa de homenagem, representando o sentir e a gratidão dos Espinhenses, àquele ilustre magistrado.

Poderíamos alnogar-nos historiando os serviços e provas de carinho, dispensadas a Espinho pelo sr. Dr. João Moreira, mas não só seríamos fastidiosos, por repetir tudo quanto os nossos conceterrâneos conhecem de sobejo como também iríamos ferir sua comprovada modéstia, que é tão vincada quanto o seu valor como homem público. Na homenagem que lhe vai ser prestada estaremos presentes para lhe dizer: *Muito obrigado.*

Onde a «verdade» é mal educada para os compadrios tolerantes...

Dizia Alphonse Karr que «a Verdade é o nome que os mais fortes dão à sua opinião». Lemos, algures, que a Verdade é o nome que os de «posição conquistada» dão à sua Mentira.

Se acrescentarmos a tudo isto que as «diplomacias mornas» e cambalachos da actual sociedade, que mente para viver e vive para mentir, não permite nem aceita a Verdade, não custa a perceber a razão porque dizê-la corresponde (!) a má educação e falta de cortesia. Vem esta «Irreverência» a propósito de indirectas lições (?) de boas maneiras ministradas num semanário provinciano, ao qual desagradaram as verdades directas por nós proferidas em números anteriores. Com «punhos de renda» ou anátemas irreverentes continuaremos escarpelizando ou louvando, com desprezo absoluto de lições de mestres falhados nas cátedras do jornalismo. Não admitimos tolerâncias em julgar, e pôr em letra de forma, o que de mau conhecemos, abandonando os exemplos dos silêncios cómodos quando aparece o Mau e das parangonas adjectivadas quando o Bom é ainda discutível. Neste aspecto não recebemos lições de quem quer que seja, pouco importando que por esse facto se abalem posições de compadrio e conúbio... A bom entendedor...



Ser e Parecer...

É sabido que dentre os indivíduos instalados na vida como felizes parasitas do público, há os actores do palco ou da tela feitos à custa de publicidade, há os nigromantes de feira, os fazedores de «mesinhas» e os mentores e «endireitas» da sociedade, que lhes paga principescamente a ousadia e descaramento. Alguns «indispensáveis e gloriosos senhores», conhecidos como presumíveis guias e defensores da opinião e direitos dos espinhenses sofrem da doença da «contradança moral» e das frases e atitudes feitas. Pertendem contentar D. Quixote e Sancho Pança numa rematada tolice de equilíbrio trampolizeiro e facilmente reconhecível. O tempo, parceladamente auxiliado por nós, se encarregará de demonstrar aqueles que pretendendo Ser não passam dum maneirinho e corriqueiro Parecer.

Ou será isto má educação?

Espinho deixou de estar votado ao Ostracismo

Por força da dotação extraordinária de 3.000 contos para resolução definitiva do problema das obras de defesa, parece ter terminado de vez para Espinho a situação de «enteado» que até aqui parecia opinião justificada. Desta feita, e confirmando-se o que o «Boletim» disse anteriormente, a dotação é palpável e deve solucionar o problema mais urgente de Espinho.

Deve ter sido com alegria que os espinhenses leram, gostosamente, a notícia, já publicada nos jornais de todo o país, notícia que a ser publicada conjuntamente com a informação da mudança das linhas da C. P. e com a construção da estrada marginal seria o «non plus ultra» das justas aspirações da nossa terra. Espere-se no entanto que justiça nos seja feita, com a confiança que a solução do problema das obras de defesa nos concede.

Onde para a Policia?

Espinho, a linda pérola da Costa Verde, foi, até há bem pouco tempo, uma terra abençoada no capítulo que diz respeito a roubos e assaltos alarmantes. Neste sentido, vivia a sua população no mais completo sossego a ponto de quasi ignorar ou pelo menos esquecer a existência de seres humanos que se dão ao «trabalhinho» de «desviar no máximo sigilo», tudo que a vítima possui de valor... ou ainda o mau gosto de abrir, a altas horas da noite, portas que não são as de suas casas, dado o caso de muitos deles não terem cira nem beirall!

Ora isto acontecia há alguns anos atraz! Agora, porém, de terra segura e calma que era, Espinho resolveu com a ajuda da policia local, apresentar-se nos de aspecto duvidoso e terrorista, com lenço a ocultar-lhe a face e pistola em punho.

E porquê? pergunta-se. Sòmente porque depois da 1 hora se não vê brilhar o botão metálico duma farda! Porque a policia sempre recolhe antes da hora que os gatunos consideram «H»!

... Que «aborrecidos» são os maus encontros!!! Se se podem evitar ..

Quanto à policia nocturna não se enxerga, salvo nos fins de todos os meses.

O que aqui fica expresso (não erro se o disser) pode representar o pretexto de todos os espinhenses cujos direitos de segurança exigidos são inteiramente justos.

Intensifique-se, pois, o serviço de policiamento nocturno para que a nossa risonha Praia, regresse o mais depressa possível ao período de segurança que a punha em destaque das demais terras portuguesas; e se necessário fôr que se ressuscite o Tribunal do Mocho.

Os rancores asininios do sr. Romão Santos

O, tristemente, célebre árbitro portuense de hoquei em patins, sr. Romão Santos acaba uma vez mais de provar a sua hostilidade e antipatia pela Ass. Académica, numa indesmentível prova de que os nossos reparos tinham justificado cabimento. Para prova do que afirmamos queiram os nossos leitores comparar as crónicas referentes à actuação do nosso grupo na 1.^a jornada da «Taça de Honra» feitas pelo cronista do «Janeiro» e do «Notícias» que a seguir transcrevemos na parte que interessa.

«Janeiro»

Partida movimentadíssima de princípio a fim, com exibição primorosa dos espinhenses, que venceram com inteiro merecimento. Ao fim do primeira tempo 2-1 para a A. de Espinho. Abel (4) e Gonçalves (2), fizeram os golos da A. de Espinho. F. Moutinho fez o golo dos Carvalhos.

«Noticias»

A Académica com mais «calo» mas o Carvalhos com mais «genica».

Não houve domínio, porque os grupos igualaram-se, venceu a Académica como podia vencer o Carvalhos.

Resultado final, 6-1.

Por estes pedaços de prosa se verifica não só que o cronista do «Noticias» (o negregado sr. Romão Santos) é um mau árbitro

PRIMEIRA FILA

O MEU DRAMA

18 de Abril

Há dias em que os meus olhos não transmitem qualquer coisa de especial ao meu espírito.

Banais os'homens e as coisas com que esbarrei hoje, na minha rota emotiva do costume. Um dia pesado como chumbo, chato como o balcão dum merceeiro, e ôco como a pinha do meu vizinho do lado.

Para avaliar da sinceridade com que faço estas afirmações, basta dizer que vi uma rapariguinha de oito a dez anos, coberta de andrajos sujos, e não me comovi perante o gesto humilde e implorativo da sua mão pequenina.

Jornada inglória, portanto, a minha jornada de hoje, em que nem o coração deu sinais daquela ternura humana que torna grande a pequenez dos homens, e que incide sobre as suas culpas infinitas como uma barrela sobre um trapo imundo!..

Em síntese:—hoje fui um pulha!..

26 de Abril

Tenho a impressão de que as ruas se assemelham hoje a vasos doiros duma torrente de imundícies. Acotovelam-se os homens na ânsia de passar à frente, de ser os primeiros a chegar, sempre com o objectivo duma especulaçãozinha ignóbil, duma conquista fácil, dum triunfo sem fulgôres espirituais—tudo comandado por aquele egoísmo sórdido que se anicha e se multiplica pelos recôncavos das almas sem grandeza!..

Passam fatos de bom corte, vestidos caros, peles caras, joias caras—coisas muito lindas que, apesar do seu aspecto e asseio, não dão, afinal de contas, um ar de zona lavada à torrente de imundície moral que alastra pelas ruas!..

E se alguma purêsa existe nesta estrumeira, parece-me que só a encontrareis nas mãos sujas daquela rapariguinha de oito anos, que pede esmola, e que pelos passeios mistura os seus andrajos com as sedas vistosas daquelas que não sabem o que é ter fome e andar a pedir!

Mas agora reparo que hoje estou de bem comigo mesmo, porque me comovi. Hoje sou, portanto, um bom rapaz!..

Pedro Manuel!

quando apanha—é o termo—o Ass. Académica como também expelle a sua bilis de escriba barato, dedicando à actuação brilhante da nossa equipa contra o «Carvalhos» as palavras ôcas que atrás ficaram transcritas. E tem este senhor a pretensão de se armar em «vítima» dos nossos reparos plenamente justificados, incomodando o «Sporting» e escrevendo no «Noticias». Atenção pois às «calinadas» sobre o hoquei em patins descritas pelo novo Reporter X do jornalismo português, que naturalmente também cultiva o auto-elogio nos artigos que escreve.

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

TURISMO E DESPORTO

O Desporto, pelo desenvolvimento alcançado, logrou lugar de principal importância nos cartazes turísticos de muitos países. Mercê da larga expansão e popularidade das diversas modalidades desportivas tornaram-se afamadas e conhecidas vilas, cidades e nações até ai quasi ignoradas.

Em Portugal muita gente há que não sabe o que é Zurich ou Berne mas, em contrapartida, o nome de Montreux anda na boca de toda a gente só porque os atletas portugueses conquistaram nessa cidade os títulos de campeões do Mundo e da Europa em Oquei em Patins.

A fama de diversas localidades do país beneficia do desporto e, senão, vejamos: porque se fala tanto em Famalicão, Elvas, Olhão, Vila Real de Santo António, etc.? Mais do que às suas actividades comerciais e industriais estas terras devem muito da popularidade que usufruem os cometimentos dos seus desportistas.

Assim, é necessário que as Câmaras Municipais e Comissões de Turismo atentem no valor turístico do desporto, subsidiando os clubes desportivos locais, auxiliando-os moral e materialmente nas suas iniciativas, proporcionando-lhes, na medida do possível, instalações desportivas próprias, na certeza de que o cartaz turístico das suas vilas e cidades será mais valorizado pelo desporto do que por certas empresas particulares organizadas com objectivos financeiros.

P. M.

Hoquei em Campo

A equipa da Académica de Espinho é actualmente uma das melhores turmas de segundo plano da cidade do Porto

Se fôssemos um tanto atrevidos e pouco coerentes diríamos que, excluindo o Leixões e o F. C. do Porto, somos superiores a todos, que são na verdade muitos. O que é fora de dúvida é que a nossa colectividade possui já determinado sentido técnico e que até os melhores sucumbem perante nós. E', pois, evidentemente que o "team" desta época é o melhor de todos os que nos representaram em seis anos de prática feita com indesmentível espírito clubista e usando-se sempre com o lema de "desporto por desporto". Dentro da esfera do clube é esta secção a mais idónea e a que menos canseiras tem dado aos dirigentes. No entanto, apesar de nunca treinar nem possuir qualquer orientador, desde que iniciou a sua prática, o nível técnico tem subido notoriamente pela habilidade nata dos elementos praticantes. Enquanto a defesa é forte o ataque é um tanto frágil, pois marcamos 11 bolas (só o Vilanovense e o Gaia marcaram menos) e sofremos apenas 15 (só o 1.º e 2.º classificados sofreram menos, razão que justifica o número de empates em 20 jogos (6 vitórias, 9 empates e 5 derrotas). O número de jogadores tem sido pouco elevado em relação às épocas anteriores o que justifica também a homogeneidade da equipa. Dos reservas dois (Ribeiro e Vitó) fixaram-se justamente na 1.ª categoria demonstrando valor embora certo desconhecimento. Os dois

guarda-redes (Anibal e Rezende) são conhecedores e dos melhores do Norte. Os defesas Vita e Neves são rijos e seguros. O médio de defesa Ribeiro é uma promessa. O médio de ataque Alberto Alves tem subido muito, sendo, na nossa maneira de ver, um valor no seu lugar. Na frente F. Costa e Amparo os mais expeditos. J. Gonçalves, repleto de qualidades, perde-se por má noção do que significa ser desportista e servir uma camisola. Convém, e é justo não esquecer a veterania proveitosa e muito útil de Jerónimo e Higino bem como a utilidade de Rezende, Vitó Serralva e António Lacerda.

E, para fecho, seguidos da classificação geral, os resultados feitos: Leixões (0-3 e 2-1), Porto (1-1 e 0-2), Vigorosa (0-0 e 1-3), Boavista (0-0 e 0-0), Ramaldense (1-2 e 2-1), Setúbal (0-0 e 0-0), L. Liquide (1-1 e 0-1), Académico (0-0 e w. o), Vilanovense (0-0 e 1-0), Gaia (2-0 e w. o).

Clubes	J	V	E	D	Pontos
Leixões S. Club	20	16	2	2	54
F. C. Porto	20	12	6	2	52
E. e Vigorosa	20	10	2	8	42
A. A. de Espinho	20	6	9	5	41
S. C. do Porto	20	7	7	6	41
L. Liquide	20	8	4	8	40
Ramaldense	20	8	4	8	40
Boavista	20	5	9	9	38
Académico F. C.	20	9	4	10	35
Vilanovense	20	2	5	13	29
F. C. de Gaia	10	0	9	14	21

No próximo número falaremos das "Reservas".

Hoquei em Patins

Torneio Início e Taça de Honra

No primeiro torneio oficial da época a Académica defrontou as turmas da Escola Livre e dos Carvalhos, tendo batido o primeiro dos adversários por 4-2 e empatado com o segundo a zero bolas. Com estes jogos terminou a Académica

a sua malfadada competição neste torneio que terminou com a vitória do Infante de Sagres.

Apesar do destreino acusado, a equipa mostrou-se possuidora dos mesmos recursos que a distinguiram no ano anterior e já no 1.º jogo da Taça de Honra efectuado no Palácio de Cristal em 25 do mês que finda soube bater nitidamente e alardeando certa classe o seu adversário, a equipa dos Carvalhos, por 6-1. De salientar neste jogo a boa exibição de Morais e o perfeito entendimento entre João e Abel, este em excelente forma.

Alinharam nos três referidos jogos: Rezende, Morais, Alberto Alves, João, Abel e Carvalhas a sexto.

Os Campeões do Mundo em Espinho

No próximo dia 8 de Maio vêm ao Norte, integrados na equipa representativa da A. P. do Sul os jogadores que recentemente conquistaram em Montreux o Campeonato do Mundo. No dia 9 os campeões serão homenageados em Gaia e Espinho. Ser-lhes-á oferecido um almoço em Santa Luzia, realizando-se seguidamente no rink daquele parque um festival de oquei em patins em que participaram as equipas de infantis e júniores da Académica. Em Espinho os lisboetas serão recebidos e homenageados na Câmara Municipal, sendo-lhes depois oferecido um Porto de Honra num dos restaurantes locais.

A população de Espinho terá assim oportunidade de aclamar os internacionais pelo belo triunfo conseguido.

Festival de despedida de Amparo Santiago

No dia em que os campeões do Mundo vêm a Espinho, realiza-se no Rink um festival de oquei em patins que servirá para homenagear Amparo Santiago que nesse dia fará a sua despedida. Colaboram no festival em que se disputará a Taça Amparo Santiago os clubes: Infante de Sagres, Académico, Vigorosa, Carvalhos, Escola Livre e Paço de Rei.

Realizar-se-á à noite um jantar de homenagem a Amparo Santiago ao qual assistirão como convidados de honra o sr. Presidente da Câmara, o Inspector Geral dos Desportos, dr. Ayala Boto, o Presidente da Federação de Patinagem Capitão Santos Romão e o seleccionador nacional José Prazeres e outros membros da Federação bem como representantes das Associações do Norte e Sul. Para este jantar encontra-se aberta a inscrição, devendo todos os interessados dirigir-se ao sr. Hilário Fernando.

A Associação Académica de Espinho convida toda a população desportiva espinhense a comparecer no Rink de Patinagem para homenagear e agradecer a Amparo Santiago o muito que ele tem feito em prol do desporto espinhense.

Amparo Santiago será igualmente homenageado pelos componentes da equipa nacional, campeã do Mundo e da Europa.

admitir que João Gonçalves estava na sua recuperação.

E recupera-se. Disso estamos certos. Assim estivéssemos certos da recuperação do Snr. C. de B. E. S. B.

MÁ VONTADE

Conhece-se de sobejo a maneira de criticar do Snr. Correia de Brito. A par duma particular má vontade pela Académica de Espinho—o Snr. C. de B. enferma da condenável crítica destrutiva.

Pela maneira menos verdadeira como descreve um acontecimento lamentável, agravando-o, na sua versão, o Snr. C. de B. dá-nos a sensação do atleta que gostaria de lutar com um adversário diminuído na sua força.

Pelos seus notáveis escritos pode ver-se a adoração que este "desportista" tem por si próprio—adoração e narcisismo que vai até á tentativa de destruição moral e material do atleta que tem valor e não é da sua simpatia.

O Snr. C. de B. não tem prazer na recuperação moral do atleta em cuja queda procurou contribuir. Oportunamente evita a cicatrização da ferida e deita-lhe mais sal para que se conserve bem aberta.

Não se pretende, com estas palavras, resguardar um prestígio, que o Snr. C. de B. só consegue ampliar com a sua crítica desautorizada.

Pretende se, tão somente, lamentar publicamente a existência duma responsabilidade em mãos tão impróprias.

Inúmeras vezes este Snr. nos tem dado oportunidade de fazer o necessário reparo. Dispomo-nos a fazê-lo desta vez, receosos de que a má vontade doentia deste Snr. seja coisa crónica.

E, desta vez, foi este o motivo: Na página desportiva de "O Comércio do Porto", de 27-4-48, escreveu o Snr. C. de B., após o relato dos primeiros jogos para a disputa da «Taça de Honra»:

«A salientar o reaparecimento de João Gonçalves, da Académica de Espinho, pelo seu clube, com o levantamento de um castigo grave, por actos de indisciplina. Já é a terceira ou quarta vez que isto sucede.

Não vale a pena fazer comentários...»

João Gonçalves procedeu de molde a merecer severo reparo. Por motivos regulamentares, o castigo não foi aplicado, mas suspenso. Proceder-se a um inquérito para averiguar das responsabilidades deste atleta num acontecimento puramente interno, ocorrido há já bastante tempo, e que o Snr. C. de B., a seu modo, dá á publicidade com um timbre muito especial, por se tratar do valoroso hoquista e corredor João Gonçalves.

Repare-se no intencionado plural «actos de indisciplina». Repare-se na cuidada enumeração das vezes «que isto sucede». E, repare-se, finalmente, no que a última expressão tem de venenosa com aquelas reticências, onde talvez não caiba toda a má vontade do Snr. C. de B., deixando entender o que possa ser deprimente para João Gonçalves.

O Snr. C. de B. já teve a sua oportunidade para se referir a este acontecimento, se isso era indispensável para as suas exigências moralistas... em sentido centrifugo.

Mas quiz que fosse agora quando tinha o DEVER de



No próximo número
Iniciação à Pintura
 (Lopo Goulart Nogueira)
Iniciação à Música
 (Mário Neves)
Poesias
 (Renato de Valnegro, João Empis, Emilio Machado)

Direção de: Florentino Goulart Nogueira

INICIAÇÃO AO CINEMA

I - O CINEMATÓGRAFO

por Carvalho Vaz

Durante largo tempo, muitos sábios procuraram reconstituir fotograficamente o movimento. Depois de trabalhos de diversos, como Demeny, Marey, Edison, etc., os franceses irmãos Lumière, chegaram enfim à solução prática, e estava, pois, criado o cinematógrafo, que não é mais do que um aparelho destinado a projectar, sobre uma tela branca, vistas animadas. Funda-se na persistência das imagens na retina.

O aparelho servia, em princípio para fotografar as vistas e as projectar no quadro branco (écran). Hoje as 2 operações são diversas. Utilizam-se o aparelho de filmar, que analisa o movimento (negativo), e o de projecção, que reproduz a síntese (positivo). Esta invenção não é mais do que uma notabilíssima aplicação da fotografia, e consiste em fotografar sob uma película sensibilizada e que se desenrola, automaticamente, no aparelho, as fases sucessivas dum dado movimento, que depois é reproduzida fielmente por projecção luminosa no écran.

A filmagem, isto é, o acto de impressionar a película, assenta numa mecânica muito simples na sua essência. Por meio de mecanismos diversos, a fita pelicular sofre breves paragens periódicas durante as quais a porção

de fita colocada por detrás da objectiva recebe a impressão luminosa; a seguir, a fita avança numa extensão exactamente igual à ocupada por uma imagem, e sucede-se nova interrupção. Assim sucessivamente até ao fim do filme, registando-se sempre as imagens componentes do movimento, à razão de 16 por segundo. A passagem de filme negativo a positivo, isto é, a revelação, é feita pelos vulgares processos de fotografia, em que, como é sabido, se aproveita a extrema sensibilidade do gelatino-brometo de prata. As manipulações diferem essencialmente na extensão da superfície a revelar.

Na filmagem, o obturador fechava-se entre 2 imagens sucessivas; agora, na projecção evitam-se os rastros luminosos por um dispositivo muito análogo, no qual se provoca um eclipse rápido de que o espectador não se apercebe.

E é pois, como já foi dito, pela persistência das imagens na retina que temos o movimento perfeito e coordenado. Suponhamos o mecanismo em movimento: projecta-se uma imagem, e esta, quando desaparece, afecta ainda a nossa retina quando surge a seguinte; e a nossa vista tem a sensação dum movimento contínuo.

Como se deve aprender História

Continuação do número anterior

Quando as modificações são muito frequentes, como sejam as de estados ora fraccionados ora unificados, de pais para filhos de irmãos para irmãos, etc. (por ex.: na França merovíngia), em vez de mapas faça-se um quadro da seguinte maneira:—numa grande folha de papel, indica-se cada estado por uma linha a lápis de cor e, sob essa linha, escreve-se o nome do respectivo governante; assim, uma extensa linha representará o Reino Franco e sob ela estará o nome dos governantes dele até que o país foi partido em vários estados; então, o espa-

ço paralelo à linha do Reino Franco será dividido em tantas linhas quantos os estados em que o Reino foi dividido; sobre cada linha estará, em minúsculas, o nome do estado; sob a linha estarão, em minúsculas, os nomes dos seus governantes, até que nova divisão ou alguma absorção se realizou; para nava divisão, proceder-se-á de maneira idêntica; para a absorção, risca-se nova linha ocupando o espaço paralelo ao dos estados unificados. De quando em vez, aparece uma dificuldade, mas como isso é excepcional, quem a encontrar escreva-me, que eu buscarei resolvê-la.

Eis o aspecto do exemplo citado:

REINO DOS FRANCOS

Clóvis I (r. — 511)			
REIMS ou METZ	PARIS	SOISSONS	ORLÉANS
Teodorico I (r. 511-531)	Chilperico I (r. 511-524)	Clotário I (r. 511-561)	Codomoiro I (r. 511-524)
Teodoberto I (r. 534-547)
Teodobaldo (r. 547-558)
Clotário I (r. 558 - 561)			
REIMS	ORLÉANS	PARIS	SOISSONS
Sigiberto I (r. 561-575)	Gontar (r. 561-593)	Cariberto I (r. 561-567)	Chilperico I (r. 561-584)
AUSTRÁSIA	BURGÚNDIA	NEÚSTRIA	
Sigiberto I (r. 561-575)	Gontar (r. 561-593)	Chilperico I (567-584)	

Poesia

Explicação

Falo com simplicidade
 Daquilo que me tortura.
 Há poesia e verdade
 Nesta fechada amargura.
 Coisas que não valem nada
 E me vêm ante! ..
 Trazem-me a alma rasgada,
 Sem que eu o diga a ninguém.
 Em breves apontamentos,
 Só dou a entender a mágoa.
 Não revelo os sentimentos
 Com os olhos rasos de água.
 Eu não sei dizer melhor
 Ou não o quero dizer.

E sofro tamanha dor
 Pelo não poder querer!

Dante Albuquerque

Cansaço

Escravo sou do azar.
 Inimiga me é a sorte...
 Não a consigo alcançar!
 Só tu, azar, és tão forte!
 Ao nascer, em mim pousaste
 A tua sombra infernal.
 E nunca mais me largaste!
 Como me tens feito mal!
 De ti a morte me veio...
 (Não a morte fim de vida,
 A de espírito — essa sim..)
 Desiludido do bem,
 Minha vida está vivida..

E, por mim, descanso, enfim!

A Morte é Bela

Por uma despida encosta,
 alquebrado, vai subindo
 um homem todo andrajoso,
 triste pobre em dia lindo.
 Alguém passa e o interroga.
 Ele medita... olha o chão...
 — «Romeiro, em que pensas tu?»
 — «Eu na vida penso, irmão.»
 Mas eis que chegando ao alto,
 Pelo caminho, ligeiro
 Agora vem, num só salto!
 E direito e alegre e forte,
 Descendo o florido outeiro...

Agora pensa na morte.

João Empis

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIASCereais — Toucinho
Gorduras — Sabões**Aires & Magalhães, L.da**605 — RUA 22 — 609
(Em frente aos novos Paços do Concelho)Telefone 342
ESPINHO**Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidroCRISTAL
EM CHAPAVidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO**DUARTE & C.ª**

— Armazenistas de Mercadoria —

Rua 19 - **ESPINHO**

SECCÕES DE VENDA A PÚBLICO:

Mercearia Porto

Praia dores, 104 - Tel 3771

— **GAIA** —**ESPINHO**

Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICARua 26 — **ESPINHO****Cadinha & Couto**Armazenistas de Mercadoria
Azeite, Cereais, etc.RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO**CASA SOUSA**
PAPELARIA E LIVRARIA
— DE —J. Moreira de Sousa Júnior
Rua 19 n.º 215 Telefone, 99Carteiras, Porta-mo-
edas, Pastas, Produtos
de perfumaria—La Toja
— Jogos, Novidades**ESPINHO**

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

(PEGADO AO TEATRO S. PEDRO)

RUA OITO

(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com
secção de Hólega RegionalARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
— CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVASTELEFONE N.º 37
APARTADO 37**União Comercial de Espinho, L.ª**

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFAÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPÉS
— **UNIÃO** —Rua 19 — 409 a 421
ESPINHO**PADARIA PROGRESSO**

DE

Manuel Maria Valente**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS**Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE**PADARIA MECANICA****A PÉROLA DE ESPINHO**

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84 **ESPINHO****FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Únicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.ª
ADUBOS «S. A. P. E. C.»Telef. fone, 21
Gramas: FADINHA
APARTADO, 5Rua 62-**ESPINHO****PADARIA PRIMOROSA**

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho— **ESMERO E ASSEIO** —Rua 14, 833 **ESPINHO****TIPOGRAFIA PROGRESSO**Execução de trabalhos tipográficos
em todos os géneros**RUAS 11 E 20****ESPINHO**

SÊ BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

Boletim

SÊ BOM ASSINANTE
DO
Boletim
ANGARIANDO
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Sôbre o Conceito de Cultura

Tem-se procurado no «Boletim» dar uma ideia e uma compreensão de Cultura. Na secção «Peço a palavra», arquivaram-se bastantes pensamentos acertados e outros que sofrem de confusão. Certamente que Cultura deve representar algo de vivo, de criador, de humano, mas acho esquisito dizer que ela representa a síntese do Homem e das suas ideias; entendo que bastava dizer que ela será a expressão do Homem na sua máxima altitude e dirigida para o Homem, em vista à consecução deste. Também não podemos esquecer que, se a Cultura não é, apenas, erudição, a erudição lhe é indispensável.

Todos os conhecimentos humanos se vão acumulando para que se forme o edifício do progresso humano. E, sem a investigação das bases, dos alicerces, da segurança de cada pedra e de cada viga desse edifício, haveria o perigo da ruína ou duma construção errada. Talvez chegassemos a certos resultados práticos, mas até o prático, isto é, o útil desses resultados fosse, apenas, deformação da verdade e do conhecimento, ilusão, aparência — e devemos tirar a prova pelo apuramento das premissas, dos alicerces. Ora este apuramento, este investigar é erudição.

Quando falei em *útil*, pretendi dar-lhe um significado muito mais amplo do que o, por exemplo, hoje hasteado pela civilização americana. Quando escrevi *útil*, pensava também na utilidade de espiritual. A criação duma

Problemas e Interesses Locais

III — Necessidade de coordenação das actividades turísticas

Como principal razão impeditiva da intensificação da propaganda turística de Espinho para a qual apresentamos algumas sugestões no último artigo, sempre se deparou com a exiguidade das verbas disponíveis para esse fim na posse das autoridades competentes:

Porém, uma Comissão Municipal de Iniciativa e Turismo pode não ter por si só os meios necessários para os fins a que se destina, por serem parcas suas receitas e variadíssimas as despesas, mas há-de possuir pelo menos a qualidade da «Iniciativa». E assim, cabe-lhe o direito de pôr a seguinte questão:

— À quem «aproveita» o desenvolvimento turístico de Espinho, a afluência de visitantes e a sua permanência prolongada? A Comissão de Turismo? Com certeza que não. A Comissão caberá, quando muito, a honra de ter contribuído com o seu desinteressado esforço para o bem comum.

O Turismo interessa em primeiro lugar às Empresas que dele vivem, subsidiariamente àqueles que trabalham nessas empresas e portanto remotamente a todos nós que somos elementos da comunidade Espinhense. Ora, se são algumas Empresas particulares aquelas que virão a tirar maior proveito do desenvolvimento turístico local, justo é que sejam elas, de acôrdo com a sua importância relativa, quem deva suportar as despesas necessárias

para obter os fins desejados. Aliás, nem o montante a destinar a propaganda é tão elevado que possa parecer difícil obtê-lo.

— Se porventura a Comissão de Turismo viesse a encontrar sérias dificuldades nessa etapa da sua tarefa, seria motivo para desestir, pois, em boa verdade, «não se deve ser mais papista que o papa».

Julgamos no entanto que tal hipótese não se verificará e que em toda a parte deparará com a boa vontade, compreensível em quem se «sacrifica» afinal em proveito próprio, ainda que não imediato.

E se a pobreza ou ausência de propaganda antes do início de épocas balneares anteriores foi unicamente consequência da falta de numerário para o efeito, é de crêr que não é empresa difícil reparar o mal.

Mais complicado, se bem que igualmente urgente, é pensar-se a tempo na coordenação das atracções turísticas locais de modo a tornar o conjunto mais harmónico e melhor distribuído pelo tempo que deve durar a época balnear.

Todos nós observamos que até aqui, cada Empresa organiza os seus programas sem se preocupar com os dos outros, resultando disso, uma aglomeração excessiva de diversões nas quatro curtas semanas de Agosto com exclusão quasi completa de Julho e Setembro.

Continua na pág. 3

Sôbre o Conceito de Cultura

obra de Arte, possivelmente desinteressada sob o ponto de vista material, é útil ao artista criador pela satisfação que lhe traz, e igualmente e por motivo idêntico, é útil aos apreciadores que a admirarem. Assim, Cultura não deve medir-se nem definir-se pela sua utilidade material nem mesmo pela sua contribuição à justiça social. O homem não é apenas, animal, nem, apenas, animal gregário. E a inteligência não lhe foi concedida só para conseguir viver satisfeito como animal gregário. Portanto, a Cultura, com raízes profundas e sobre-humanas, vai enriquecendo a sua revelação à medida que o Homem se enriquece (aumentando os seus conhecimentos e diminuindo a sua imperfeição); e essa mesma Cultura, resultante do Homem mais enriquecido, vai impulsionar novo enriquecimento do Homem. Ela aspira, por conseguinte, à consecução, à realização *total* do Homem. Daqui concluímos que a Cultura é uma linha contínua, com origens indeclináveis, e que possui algo de permanente, com fundamento na própria natureza humana (idêntica através dos tempos) e não em determinantes económico-sociais (as quais serão concorrentes secundárias ajudando ou colorindo a fôrça — e o seu sentido e a sua direcção — da natureza humana).

Ao fim destes breves esclarecimentos, resta-me concordar com a afirmação de Kim:

Cultura não é «um monstro»

Continua na pág. 3

FOLHETIM MENSAL

Por: José Corte-Real (PEPE)

QUE ISTO DE...

AMAR...

Quem ama não analisa. Quando amamos mobilizamos todos os nossos sentidos no acto de amar. Só quando deixamos de amar é que se verifica que a pessoa amada além de ser zabolha tem um pai analfabeto. E creio que quase todo o pai analfabeto tem filhos alcoólicos. Se isto não é verdadeiro é sem dúvida interessante e creio que seria conveniente verificar o facto, pela sua importância social.

Que n ama, dizia eu, não analisa. Que isto me parece indiscutível visto os inúmeros monstros humanos que, dia a dia, dão o laço sagrado do matrimónio.

Os Homens nasceram para amar. Tão poética afirmação tem uma demonstração cabal no modo amoroso como

se tratam os Homens por essa Europa desgraçada...

Que n ama atravessa várias fases. É poeta e é romântico — 1.ª fase; é calculista e frio — 2.ª fase; é um simulador — 3.ª fase; é casado — 4.ª fase.

Esta última fase — a que eu chamo a fase desgraçada e a que outros chamam o período catastrófico — é sem dúvida o início do fim.

Que isto de amar para uns é Arte; para outros Ciência; para bastantes Divertimento. Para mim é uma Preocupação. Há três processos de amar. Daqui o amor físico, o amor espiritual e o amor económico. O que dura mais é o segundo; o terceiro dura em relação ao capital.

Este assunto não está esgotado e tornarei a falar dele quando me refira ao Casamento.

No entanto quero aqui dar uma opinião: é que só o amor espiritual é que é eterno e duradouro, pois persiste, aproximadamente, treze meses e quatro dias.

A leitura diária dos Pensamentos de Fenelon e das Locubrações espirituais de mad.^{ma} Guilhermy influe bastante na formação desse belo espírito.

Além de que amar, acima de tudo, é um bom motivo de inspiração. Que isto de amar é fácil; o que é difícil é continuar a amar.

Nota: Preciso, devido a umas cartas que recebi, elucidar um certo número de leitores da natureza e significado dos meus artigos. Eu não pretendo — como muitos julgam — filosofar. Eu não sou filósofo, sou um homem — pelo menos pretendo sê-lo.

As opiniões expressas nestes artigos representam apenas críticas sociais vistas sob determinado ângulo. É importante não esquecer isto, pois só sob este ângulo elas são verdadeiras. No fundo são interpretações paradoxais de expressões sociais.

Há certa verdade nas opiniões que exprimo; mas o erro está em generalizar demais.

Cabe ao leitor vêr onde está o erro e verificar onde reside a verdade.

E dito isto: continuemos...